

## ***O JOVEM PEDRO CALMON\****

---

**CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO\*\***

*Advogado, professor universitário e membro do Conselho Estadual de Cultura.*

O Conselho Federal de Cultura, no seu período de sessões do corrente mês, desfilou diante do sempre magnífico Pedro Calmon. Oitenta anos eram comemorados na lucidez do homenageado. A presidir a sessão estava o acadêmico Adonias Filho. E o plenário cobria-se ricamente com a presença de homens de cultura. E pela palavra de Afonso Arinos, Herberto Salles, Josué Montello, Gilberto Freire, Raymundo Moniz de Aragão, Djacir Menezes, Cecília Wetfallen, Geraldo Bezerra de Menezes, José Cândido de Mello Carvalho, a vida e a obra do homenageado foram repassadas com propriedade, com amor.

Poliedro de luz, na expressão de Clarival do Prado Valladares, o qual evocou a figura de Afrânio Peixoto prolongado no discípulo Calmon, estava o Conselho Federal de Cultura, na mensagem que os conselheiros traziam a cada inundação de afeto com que saudavam o homenageado. Traçaram-lhe o perfil do homem de cultura, do historiador correto, do jurista preciso.

Não fosse ousadia demasiada, a lembrar o diálogo que se diz ter havido entre Augusto Frederico Schmidt e Sartre, tive vontade de destacar o democrata, o político, o hábil, o cavalheiro Pedro Calmon.

Nossos tempos são tempos de retorno brasileiro ao leito democrático. Em algumas línguas menos iluminadas seriam os tempos do confronto a ser evitado, do sapo a ser engolido e expelido, da oposição marota a assanhar-se diante da situação convencida, ainda, do ontem que já se foi. Na verdade, o que vivemos hoje cabe, às escâncaras, na comemoração octogenária da baianidade sabida do mestre Pedro Calmon.

---

\* Rio, 10/12/1982.

O espaço é curto para vivenciar Pedro Calmon. Mas, os salpicos também valem na junção das muitas ternuras.

Fui seu aluno de Direito Constitucional na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro há vinte anos. Fazia-me gosto passear com ele, na retórica brilhante, na memória privilegiada, pelo campo profissional que anos depois abracei na carreira do magistério.

Lembro-me, ainda agora, com a mesma força das cores, do dia em que, já diretor da Faculdade de Direito e Decano do Centro de Ciências Sociais, com ele conversei sobre a reforma universitária em pleno apogeu de sua implantação. Entusiasmado com a missão que me cabia, quis ouvir do professor ilustre as achegas da experiência, do bom senso, do saber Receoso estava, é certo, de encontrar no catedrático de nomeada, decantado na importância de sua presença nacional, alguma resistência, a dificultar os ajustamentos já programados. Qual não foi minha surpresa ao receber estímulos para seguir adiante. Já aqui descobria-se o Pedro Calmon vivendo cada tempo com igual intensidade, sem apegos supérfluos ao passado do qual foi agente construtivo.

Mas, é sobretudo do Pedro Calmon reitor que a minha geração universitária lembra com o melhor dos afetos.

Foi um período fascinante. A universidade era, então, uma verdadeira escola de líderes. Os diretórios funcionavam livremente e as idéias políticas tinham curso aberto sem peias, sem pressões. O reitor não era um mero intermediário. Era, ao revés, um líder, com poderes para agir, incorporando no seu munus a maior grandeza da constelação docente da universidade.

E Pedro Calmon viveu como ninguém esse papel magnífico. Corajoso, jamais negou sua presença ao lado dos alunos nos instantes de crise; independente, sempre soube conduzir o consenso; hábil, peregrinou

soluções com justiça e lealdade; generoso, soube compreender a mocidade que viveu, sentindo o seu reitorado.

As suas histórias ocupam espaço próprio, como aquela em que presidiu a posse da nova diretoria de um centro acadêmico. O salão nobre repleto. A mesa principal coberta de flores em tal quantidade que chegava a esconder a figura solene do Reitor Pedro Calmon. O presidente eleito, como o que acabava o mandato, em discursos duros atacavam o sistema universitário. Maiores verbas para a universidade eram reivindicadas. A renovação era reclamada. E assim por diante. Pedro Calmon a tudo ouvia, firme, seguro, algumas vezes com o leve balançar de cabeça. Cobia-lhe encerrar a sessão. Mais do que depressa, um bedel correu para retirar as flores em excesso. O auditório tenso. Calmon suspende o gesto do bedel, e começa a falar: "Senhores, entre mim e os estudantes só existem flores". A risada foi geral. Reina a paz. E Pedro Calmon, uma vez mais, exaltou a mocidade.

Ou, ainda, aquela outra em que os estudantes, em frente da conspícua Faculdade Nacional de Direito, faziam uma de suas manifestações. Chega a polícia com ordens superiores para dispersar os estudantes, incluída, se necessário, a invasão do prédio da Faculdade. O Reitor é acionado com urgência. Em poucos minutos aparece Pedro Calmon. Procura o comandante da tropa. Este se apresenta com todas as formalidades, e esclarece a missão a cumprir. Calmon exclama: "Mas o senhor não pode entrar na Faculdade". Insistindo o Comandante em executar as instruções recebidas, Calmon, tranqüilo, senhor da situação, põe um ponto final: "Meu filho, na Faculdade só se entra com vestibular".

Valem os oitenta anos do Reitor de sempre para que a geração de hoje conheça a sua vida. Uma vida que não foi interrompida porque viçosa está a sua rica produção intelectual. Aos oitenta anos, assim tão bem vividos, é que saudamos o jovem Pedro Calmon.